

## Sofrimento e desperdício – a ideologia e a política no Déficit de Atenção

DANIEL MARTINS DE BARROS | 14 Abril 2015 | 15:10

As políticas públicas enviesadas por ideologia no Brasil privam centenas de milhares de pessoas doentes de um tratamento digno. Mas quando as evidências falam, as convicções calam.

No meio de qualquer briga geralmente quem apanha é o mais fraco. É por isso que quando há brigas ideológicas no nível das políticas públicas, quem sofre mesmo é a população. Se forem crianças, então...

Tomemos o caso do Déficit de Atenção. Poucos diagnósticos são mais patrulhados, debatidos e questionados do que o famigerado TDAH. Há quem diga que essa é uma doença da moda e da modernidade, e há quem se esforce para demonstrar seus componentes biológicos. Até aí, tudo bem, a controvérsia faz parte da ciência, e é assim que o conhecimento avança. Quem deseja refletir realmente sobre o tema, de maneira não preconceituosa, há de levar em conta os dois lados (leia: Por que falta de atenção pode ser doença). É legítima a preocupação de quem teme um abuso do diagnóstico e uso excessivo de medicamentos estimulantes. Mas não menos relevante é o grande número de pessoas doentes sofrendo por não terem acesso ao tratamento adequado. Ambos os problemas podem ocorrer (leia Preste atenção: o difícil diagnóstico de déficit atenção e hiperatividade)

Mas independente de qual canto do ringue o sujeito se coloque, se não está cego pela ideologia não pode ignorar as evidências. Quando temos a humildade de reconhecer que nosso cérebro não dá conta de lidar com realidades complexas e nos rendemos aos dados – não nos fiando só em nossas opiniões – temos o privilégio de poder mudar de ideia quando estamos enganados. Prazer que infelizmente poucos apreciam.

Voltando ao TDAH. Sim, há exagero no diagnóstico. Mas os dados parecem apontar que o problema do subdiagnóstico é muito pior. Uma pesquisa científica brasileira publicada esse mês estima, a partir do cruzamento de dados nacionais e internacionais, que mais de duzentos mil jovens entre 5 e 19 anos não estejam recebendo o tratamento que deveriam. Isso ocorre pois razões ideológicas impedem a criação de uma política de acesso às medicações. O que é absurdo, por ao menos três razões:

1 – Razão legal – o SUS é universal e integral, o que significa que deve garantir a todos todo o tratamento necessário. É por isso que os pacientes conseguem a medicação se entram com pedidos na justiça. E o recurso ao judiciário nesses casos é sempre bem sucedido. Por quê? Porque quando as evidências falam, as convicções calam e o Estado é obrigado a se render aos dados científicos e garantir o tratamento a quem dele precisa.

2 – Razão ética – não se pode condenar alguém a sofrer de algo que poderia ser tratado com base numa ideologia. Você pode ou não querer dar remédio para seu filho, mas quando se fala em políticas públicas, as decisões deveriam se pautar em dados, não em opiniões. É desumano negar remédio a quem dele poderia se beneficiar – se quisesse – somente porque tem gente que é contra psicotrópicos.

3 – Razão financeira – o mesmo artigo estima que haja um grande custo em não se tratar essas centenas de milhares de crianças. Apenas com repetição escolar e idas a pronto-socorros (gente com TDAH não tratada repete mais e se acidenta mais), o Brasil estaria desperdiçando R\$ 1.841 bilhão. Se o governo pagasse do bolso para todo mundo, economizaria três vezes mais do que gasta hoje em dia.

Infelizmente pessoas que hoje detêm o poder de decidir têm um enviesamento ideológico claro. Tudo bem, eles que acreditem no que quiserem. Mas não posso ficar do lado de quem prefere insistir em brigar quando quem está apanhando são as crianças e jovens que precisam de tratamento.

ResearchBlogging.org

Maia CR, Stella SF, Mattos P, Polanczyk GV, Polanczyk CA, & Rohde LA (2015). The Brazilian policy of withholding treatment for ADHD is probably increasing health and social costs. *Revista brasileira de psiquiatria (Sao Paulo, Brazil : 1999)*, 37 (1), 67-70 PMID